



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 424—Preço 1\$00
11 DE JUNHO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

África FACETAS DE UMA VIDA

A hora de sair este jornal, estaremos, também, prestes à partida. Se Deus quiser, será na tardinha do dia 16 de Junho, para aterrarmos em Luanda pelas 11 da manhã seguinte.

Foi uma batalha difícil esta de conseguir passagem, a qual encontrou o seu termo vitorioso na boa vontade das Autoridades da Assistência e do Ultramar. Bem hajam. De resto, a esperança nunca desfalecera e uma vez mais se confirmou que não é em vão que, em Deus, se espera dos homens.

As mesmas Autoridades nos prepararam lá facilidades para vermos e estudarmos de como havemos de ter colocações e adestrar rapazes que ajudem a conservar Angola e Moçambique — Portugal.

Estes últimos dias tem chegado alguma correspondência do Ultramar e de gente de lá. Uns a dizer: «Cá vos espero»; outros a lamentar a sua ausência, porque em férias na Metrópole.

Caras desconhecidas, mas nomes e almas bem conhecidos de tantas vezes que, a muitos títulos, se nos revelaram em declarações de amor fraterno. Tenho pena também de a esses não os poder abraçar lá; mas consola-me a certeza de que eles não deixarão de nos vir ver aqui.

Entre várias outras, chegou ontem esta do nosso Teles. Porque nosso, ninguém estranhará que eu aqui a dê à estampa:

Tenho lido no «Gaiato», só me falta saber de quando e como. Será que já partiram até? O que mais me liga com o mundo exterior é o rádio, e esse tenho-o avariado.

Escrevi ao Prata e mais a uns nossos amigos da Beira perguntando se sabem alguma coisa. Ainda não obtive resposta.

Anciamos saber programa. Creio que ficará uns dias no Luabo à laia de repouso, mas gostava de saber se sim. Para o Luabo, posso organizar programa? Aqui é fácil. Uma palestrinha no Clube, onde todos se reunirão, e pronto. Já assim foi da outra vez, e mais 24 quilos. E se o vento que agora aqui sopra não é o mesmo que soprava, nós cá nos arranjaremos de igual forma.

Os jornais de cá ainda não disseram. Os muitos amigos de Lourenço Marques não estão ainda a actuar?

Até à vista. Quanto desejo vê-lo de novo, só o poderá avaliar à chegada. Um abraço muito amigo. Seu muito dedicado.

António Teles».

Ora aqui está. O programa é mesmo o Teles quem o dita: «Uma palestrinha no Clube, onde todos se reunirão, e pronto».

É isto mesmo que nós desejamos em toda a parte: Uma sala, onde nos encontremos com os nossos Amigos, face a face. Vai o n/ último documentário em 16mm. Vão as últimas gravações de Pai Américo. Vai o Júlio; vou eu. Uma palestrinha — não um discurso, nem conferência. Uma palestrinha que há-de acabar em diálogo, como foi ainda há pouco na nossa Festa no Império.

Ideias que se trocam. Chamas que se avivam nos corações. Amizade que se radica, a bem das duas partes que se amam. Aqui está todo o nosso programa, tanto no Luabo como em toda a parte onde aparecermos.

Ao Luabo, destinaremos, sim, um número singular: uma pequenina paragem «à laia de repouso». É o Teles; e o Carlos Gonçalves... É ali perto a Beira, mais o Prata e muitos do meu sangue.

Quanto aos «quilos» em que fala o Teles, é questão secundária. Júlio e Daniel fizeram questão e estão a imprimir uma revistazinha, espécie de antologia histórico-geográfica da nossa Obra.

e continua na quarta página

O que fazer pois para possuir Deus? Falar-Lhe. E como falar? Orando. E como orar? Jesus Cristo ensinou a seus discípulos a oração por excelência: o Pater Noster. Agora, note, há muita gente que sabe e recita o P. N., mas poucos sabem orar. É preciso que v. ore bem, para que Deus Se lhe comunique. Em primeiro lugar é necessário ter uma intenção muito recta e sincera e jamais orar por mera especulação, à laia de quem consulta bruxas. Note. Deus prescreta os espíritos, Espírito que é, e sabe as nossas intenções. Depois, é necessário orar em espírito de muita humildade, sabendo e admitindo que Deus é o supremo Criador de todas as coisas e que tem na mão o destino de todos os homens. Se assim ora, digo-lhe por experiência individual que Deus vem a si, dá-lhe a fé que a razão não conhece e com ela luzes e sentimentos que não saberá explicar, mesmo depois de os ter. Note, bem; limpo, sincero, bem intencionado. Eis a essência da oração. E agora, que sabe como se ora, pergunta: e onde se ora? Em sua casa, após o dia de trabalho, recolher-se por 5 minutos e elevar a Deus a sua alma, é uma oração muito grata e aceite; e há também lugares próprios e públicos onde os cristãos se congregam para orar, as Igrejas, e uma oração comum a todos, também de instituição divina, a Missa. A parte mais íntima e interessante da Missa é a Consagração, quando o sacerdote repete as mesmas palavras que Jesus preferiu na Ceia com os seus discípulos um dia antes de morrer, ao dar-lhes pão e vinho, como verá depois na leitura dos Evangelhos. Curar almas é um ofício muito delicado que só se aprende na escola do sofrimento e este inocente, resignado, sobrenatural, sempre alegre tanto quanto humanamente se pode ser, fortificado na certeza absoluta de que é Deus quem paga os nossos méritos, sem as tabuletas conspícuas dos médicos célebres, escapando aos grandes, procurando os pequenos, escondendo-se tanto quanto possível o bem que fazemos, porque de graça recebemos estes dotes de Deus e na mesma moeda os devemos distri-

buir, em Seu Nome. E assim é que, nas linhas do rosto dum verdadeiro Ministro do Evangelho se lê sempre traços vincados de PAZ E BEM.

E nesta altura da nossa palestra, tentemos entrar na pátria celeste pela porta da imortalidade da alma. A crença da imortalidade da alma é uma consequência fatal da existência de Deus. A fé sobrenatural assim no-lo ensina. A crença de Deus não nos deixa morrer.

Abra a mesma história universal dos povos e veja os do oriente com a sua transmigração dos espíritos. Veja em Londres, no B. M., centenaes de múmias artisticamente enfaixadas, dis-

postas nos seus lindos caixões pintados, estes em grandes arcas repletas de comestíveis e utensílios, petrificados já. Veja os nossos pretos colocando esteiras e comida sobre as sepulturas. Observe as teorias teosóficas dos actuais positivistas, invocando os espíritos dos mortos, tudo manifestações da imortalidade da alma. Isto, intuição colectiva. Ponha agora em jogo o seu raciocínio individual. Morre; sabe a composição orgânica do seu corpo. Este, cadáver, transforma-se pelos fenómenos químicos. Isto sabe-se, mas o homem não é corpo; é alma.

Américo de Aguiar
continua



Pai Américo também está presente em Africa. Também tocará os corações dos Portugueses que esperam a Boa Nova. Fará florir a imensidão da Terra Negra! O Famoso, porta-voz dos fracos, nos unirá a todos para que a concretização seja completa.

Após tanto se ter dito aqui sobre a finalidade da Casa de Jesus Misericordioso, noto a conveniência de voltar ao assunto.

A Casa tornou-se necessária para Centro de uma Obra de Caridade nascida em Ordins e que tem crescido, graças a Deus. Vou-a mostrar ao leitor, a ver se nela encontra comigo alguma utilidade. Como não sou pároco, mas capelão de dois lugarejos, destina-se a servir os habitantes dos ditos e, na medida do possível, estender-se-á a sua acção a toda a paróquia de Lagares a que pertence Ordins.

Pertencente ao Património dos Pobres e está implantada junto de duas casas do dito. É antes de tudo para os Pobres, podendo as outras classes beneficiar dos seus serviços, sujeitando-se ao regulamento, que, a seu tempo, será elaborado.

Consta de rés-do-chão e um andar, medindo os seus pavimentos um nada mais que 200 m.2. Externamente, apresenta superfícies de pedra rusticada, a-par doutras rebocadas, dando-lhe assim um ar de leveza e de graça. Na frente, canteiros ajar-

dinados. Dos lados, duas nesgas de terreno para quintal.

Procurando reduzir as despesas do funcionamento da Casa, foi, por isso, construída, de maneira a serem mínimos os riscos de incêndio. Não há, pois, que pensar em confiá-la a uma Companhia de Seguros. E assim os tectos são em tijoleira Sucol. Os pavimentos da cozinha, dispensa, cantina, consultório médico, sanitários, são em mosaico.

Quando me vir livre das contas da construção e apetrechamento desta Obra, pensarei em animar a frontaria do edificio com uma imagem de Jesus Senhor de Misericórdia, de braços estendidos e pregado na pedra nua.

Mas vão sendo horas de o leitor examinar comigo a casa por dentro. Logo ao entrarmos no rés-do-chão, deparamos com uma Cruz grande, de pau santo, sem crucificado, suspensa da parede, tendo, sob o braço direito, uma

caixa de esmolas, feita de madeiras bíblicas, ébano e cipreste. Emoldurando a Cruz, lê-se esta frase, em latão fundido e oxidado: «tive fome e deste-me de comer». Fácilmente se descobre o significado de tudo isto. Cristo reuniu-nos uma só vez e para sempre pela Sua Paixão e Morte de Cruz. Cristo não passou. Está entre nós. Vive naqueles que formam o Seu Corpo Místico. E duma maneira especial, nos predilectos da Cruz: os Pobres, os Doentes, todos os que sofrem. Socorrer o necessitado, o esmoado, é socorrer o mesmo Jesus, que continua a Paixão nos nossos irmãos que sofrem necessidade, fome.

Di-lo Ele na descrição do Juízo Final: «Tive fome e deste-me de comer». A Casa de Jesus Misericordioso destina-se a praticar as obras de Misericórdia. A caixa de esmolas da entrada sob a cruz, diz-nos que a nossa missão de recoveiros dos Pobres em Ordins é espinhosa, mas alenta-nos uma grande esperança: tudo terá a sua recompensa; até um copo de água, dado por amor de Deus. Que a mesma esperança que nos anima se propague a tantos que nos têm ajudado e têm deposto na caixa das esmolas um pouco de sangue.

À entrada ficarão dois bancos com espaldar. Em qualquer deles pode esperar o leitor, até à próxima se Deus quiser.

x x x

Para a máquina de tricotar, 10 selos da assinante 6489. A ideia tão feliz do selo não deu, por ora, senão 152\$70, que estão bem longe, ainda, para afogar Ordins de selos. Do Calvário, selos usados.

De novelas, desde há muito que não encontro a ponta.

Para a Casa de Jesus Misericordioso, 400 de Lisboa, «parte que tocou a Ordins de uma importância maior cá recebida e a ser distribuída por diversas obras». É pena que não surjam ofertas destas diariamente. A Murtosa veio com 35\$ para a Casa, acréscimo dum chale que encomendou.

Luanda veio com mil para chales. Aqui no Continente poucos são os que pensam nos chales. Entretanto, um senhor de Lisboa promete enviar-nos mensalmente 1.500\$. «Agora que o tempo quente não facilita a lembrança de chales para agasalho, as «férias forçadas» são uma dura realidade e, tentando suavizá-las, junto remeto um vale...». Os chales ficarão aqui em depósito e em Dezembro seguirão para o seu destino indicado.

Cá vai a senhora do costume, com um chale e uma echarpe. Todos os meses aparece, graças a Deus. Também da capital uma senhora doutora: «cá estou mais uma vez pelos famosos chales de Ordins». Mais Lisboa.

Dois gaiatos vão na procissão, um dos quais vem na carta a dizer que deseja ser «cada vez mais de Deus nesta cidade cheia de perigos». Refugiar-se em Deus é condição para nos podermos defender de tantos perigos que, de todos os lados, nos acometem.

Lousã e Macedo de Cavaleiros são dois sacerdotes que nos ajudam, encomendando chales. Não foi esquecida a «obra do selo». Cá vai a Guarda com palavras amigas. E a Mocidade Portuguesa F. com mil para 12 chales. Sangalhos volta por mais um.

Senhora estrangeira em Sintra, não se esquece de Ordins. Barrancos, Viseu e Palmela levam seu chale. Também Horta (Açores) segue aqui. Só agora Lisboa realiza o sonho de ter

uma das nossas echarpes. «Deus vos abençoe e nos ajude a exercer um pouco melhor as nossas obrigações para com essas nossas irmãs desconhecidas».

Viseu, Figueiró dos Vinhos e Miranda do Corvo fecham a procissão dos chales.

Por tantas encomendas de camisolos nos ter confiado uma senhora da Capital, bem merece chamar-se a senhora das camisolos.

Padre Aires



Casa de Jesus Misericordioso

setúbal

OS vicentinos desta cidade reuniram-se novamente em nossa casa. Uma reunião cheia. Cheia de vida. E como não? — Se os vicentinos trataram apenas dos problemas da Vida... Quem diz vicentino, diz cristão de vida e por isso aquela assembleia encheu um dia e encheu as almas. Eu tenho pelo vicentino que o é uma devoção particular. A eles a Casa do Gaiato deve muito carinho e eles têm recebido muita Luz da Obra da Rua. Tem sido uma comunicação íntima, religiosa, estreitamente religiosa no dar e no receber. Por isso eles escolhem esta casa para a sua reunião anual e nós recebemo-los como se recebem as pessoas de família: — a nossa casa é deles.

Este escol de homens, cheios de boa vontade em solucionar os problemas socialmente graves dos milhares de famílias que em Setúbal vivem em condições actualmente desumanas; ou em sofrer com elas, frente a Cristo, a incapacidade de as pôr em circunstâncias materiais, morais e intelectuais a que podemos chamar humanas; é para nós um grande estímulo e para a Santa Igreja a melhor apologia do nosso tempo.

O vicentino não se limita a ouvir dizer, a discutir ou mesmo observar de longe. Não. O vicentino vai, vai ter relações humanas, de homem para homem com os que o mundo chama Pobres, e ele irmãos. É sobretudo nestas relações fraternais que o vicentino ganha o seu maior tesouro que é a Caridade e dá à sua fé o melhor triunfo.

Ele entra no abrigo do seu irmão, como na sua própria casa; conversa tão chegado ao pobre ou ao doente como aos seus familiares; aguenta, por muito tempo o mau cheiro que tantas vezes é de provocar náuseas;

acarinha e consola, no meio de repugnância indiscutível mas sempre disfarçada e dorida, o irmão meio apodrecido pela miséria ou pela doença.

Esta assembleia numerosa foi de meditação e sofrimento. Não sofrimento revolucionário, mas sofrimento dorido. Meditou-se na criança abandonada, ou melhor, no abandono a que a Sociedade vota a criança; recordaram-se quadros de vida da nossa idade e de outras regiões e sofreu-se interiormente e religiosamente com Cristo. Não é a nós que compete curar tantas feridas, sobretudo estas chagas colectivas, mas, por sermos homens e cristãos, é-nos exigido apreciar, sofrer a nossa incapacidade e fazer tudo ao nosso alcance para melhorar situações particulares e chamar pelo saneamento geral. O homem só por sua natureza humana tem direito a condições que lhe permitam ser amanhã um valor social e a humanidade tem, no seu conjunto, possibilidades de facilitar a cada indivíduo estas mesmas condições.

Os vicentinos meditaram, encheram-se de Luz e partiram para a sua actividade de Bem e Vida.

Padre Acílio

Atenção LISBOA!

Há palavras que ditas como que a brincar, nos servem de lições.

Foi o que há dias aconteceu. E se naquela tarde soalhenta de Maio me não tivesse espiçado e, porque não, puxado as orelhas, eu hoje não estaria a escrever para o nosso querido «Famoso».

Na verdade o Senhor Padre Carlos tem razão. «Como quereis vós tornar conhecida a Casa do Gaiato do Tojal, se nada dizeis sobre ela?».

Ora a nossa Casa do Gaiato do Tojal fica a 19 quilómetros de Lisboa. Isto bastaria para que os nossos amigos alfacinhas se enchessem de coragem e viessem. A estrada que vos conduzirá é boa e a paisagem é bela. E dentro da nossa Casa encontrareis rapazes famintos de carinhos, com quem podereis passar algumas horas. Não vos pedimos mais nada que não seja: VINDE e vede com os vossos próprios olhos a riqueza da Casa do Gaiato do Tojal. Uma quinta com não sei quantos hectares, bela, produtiva quanto nos é possível. Vereis as oficinas, onde todos nós aproveitamos a grande oportunidade de algum dia sermos alguém junto daqueles que em tempos nos escorraçaram. Vereis ainda os mais pequeninos que, rapando ervas ou acarretando lenha para o fogão, ocupam assim horas que na rua seriam passadas no vício. Tu, que desejas descansar o espírito perturbado pelo bulício da nossa Capital, vem e sentir-te-ás feliz entre nós, que formamos um mundo novo dentro de outro mundo.

E tudo isto a dois passos de Lisboa! E tudo isto criado para ti! Não queres porque não é Lisboa? Não queres porque não te «divertes»?

Não tinha outro objectivo a nossa Reunião no Cinema Império que não fosse um melhor conhecimento da nossa Obra e da Casa do Gaiato do Tojal pelo povo de Lisboa. E a princípio eu tive a sensação de que isso iria acontecer, quando me foi dado observar do palco a alegria, a satisfação da digníssima assembleia. Mas... (triste mas!) essa sensação depressa desapareceu com a continuação dos dias. Quase nada. Eu queria crer que isto é mais impressão minha, devido à grande tendência para as coisas rápidas (quando são os outros que as têm de fazer). Queria, sim. E vou continuar nesta minha ilusão, deixando os dias ou os meses passarem — num resto de esperança.

Pois aquilo que vistes no palco é a nossa vida quotidiana. Se gostaste, porque não vens? Em nossa Casa encontrarás rapazes à espera do teu carinho.

Cândido Pereira



Se dêssemos um título às palavras de hoje para «O Gaiato» seria este — Levar a fazer.

Todos quantos presentemente, trabalham neste movimento de construção de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores, têm outras ocupações.

Poderia e deveria existir Auto-Construção em todas as terras. Ora não é viável querer encontrar em todas as terras qualquer pessoa que queira ou possa dedicar-se exclusivamente ao movimento. Então como fazer? Não fazendo, mas levando a fazer. As equipas de trabalhadores, hão-de ter a maior liberdade, a maior independência, a maior responsabilidade. Se não for assim, Au-

Auto-construção

to-Construção também não é. Temos de encarar as coisas com o maior realismo. Vamos a qualquer terra. Aí encontramos crianças, rapazes, raparigas, homens e mulheres. Com as mulheres Auto-Construção só indirectamente pode contar. Falamos aqui do trabalho de organização, de direcção.

Sem um mínimo de organização, esta empresa não poderá ser realizada. Qualquer organização, pede imediatamente o exercício duma autoridade. Essa autoridade tem de se ir buscar a um dos próprios.

Não pode ser qualquer autoridade civil, nem mesmo qualquer autoridade religiosa.

A estas, quer a autoridade civil, quer a autoridade religiosa, cumpre descobrir, orientar, lançar na acção e dar toda a liberdade possível. Os chefes, em Auto-Construção, não serão impostos. Surgirão entre o grupo, naturalmente.

Dizemos desde já, que, mensalmente, no lugar dos trabalhos, o chefe dará contas pormenorizadas a todos os da equipe.

Nessa reunião tudo se deve esclarecer. Por sua vez o chefe de equipe distribuirá responsabilidade aos outros elementos. Será bom chefe na medida em que tenha a habilidade, a virtude de se fazer ajudar por elementos responsáveis também. Do mesmo modo ele não terá tanto a preocupação de fazer, como de levar a fazer.

Auto-Construção tem recebido ofertas, umas pequeninas outras abonadas.

Rio de Janeiro 100\$; Aveiro 30\$; um novo marinheiro com 35\$; a capital de Angola 50\$; a capital do país com 100\$, mais 50\$, mais 30\$, mais 50\$, mais 500\$. De novo a capital de Angola com 1.000\$; uma mulher que acreditou desde a primeira hora, 500\$; um anónimo que já veio pelo menos três vezes 50\$. Do Alentejo 40\$; de Viseu 20\$00 mais a promessa de mil telhas.

(Toda a correspondência para Auto-Construção—Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Como é belo o amor guiado pela Lei!

Como é bela a lei guiada pelo Amor!

Com este AMOR e esta LEI, não teria razão de ser esta coluna de lágrimas.

Esteve há dias aqui, à porta do quartel, uma rapariga em demanda dum rapaz que cumpre o seu serviço militar. Soube depois que não era já a primeira

os interrogatórios que as rebaixam.

E são estas raparigas que em maior número dão as mulheres que esperam a noite para saírem de casa.

Quando eu andava «por lá», não era difícil encontrar-se uma delas a dormir com um filho no colo, nos frios degraus das escadas.

Recordo uma vez que subia a

Filhos de pai incógnito

vez que ela aqui vinha. As promessas dele, levaram-na a fraquejar. Ele pecou, ela pecou, porque não eram ainda «um do outro e os dois de Deus».

E quem nascer, será culpado? O Amor e a Lei dizem-nos que não — mas, nota, amigo leitor: estes dois substantivos escrevem-se com letra graduada! A lei, para ser LEI, não pode fechar os olhos e deixar que cresça o número de inocentes vítimas dum pecado que não cometeram.

Quantas raparigas como esta, vivem hoje na tenda do pecado, vendendo o seu corpo?! Quantas delas saídas das suas terras, por vergonha de serem seduzidas e atraídas naquilo que julgam amor, e vão refugiar-se nas cidades, aonde o ambiente e a necessidade as enfraquece e as arrasta para a vida que tu e eu sabemos. E quantas delas poderiam ser boas esposas e boas mães se não fora a traição daquele homem que a arrastou com promessas mentirosas. Algumas têm coragem de levantar processo. Mas como o traidor é filho do, ou o próprio *senhor fulano*, o caso vai correndo lentamente até que passa impune. Outras, muito pobres, não têm posses para enfrentar os pedidos dos advogados, nem têm tempo para

uma hospedaria: No vão da escada, era um aglomerado de corpos enrolados nas carcomidas tábuas. Entre os homens, estava o corpo de uma mulher bastante nova. Colado ao seu seio, estava um pequenino «fardo», um inocente! Mais tarde, sendo companheiro de infortúnio dessa pobre mulher, soube a proveniência daquele abandono. Era criada dum doutor que a seduziu ainda rapariga, levando-a a fingir da sua aldeia para Lisboa, onde — dizia — havia de vir a encontrá-la.

Não é sem razão que o Pai Américo diz serem terra de Santos os *barredos*. Que coragem a desta mulher! Como lutava para não faltar com a alimentação do inocente ainda de peito! Procurava o seu alimento nas cozinhas económicas, onde lhe davam a sopa. Todos os tostões que ganhava, quando ia esfregar alguma casa ou a chamavam para fazer algum serviço doméstico, guardava-os avaramente para comprar o leite para o seu filho.

Se algum dia lhe faltou esse sustento, o que não seria ela capaz de fazer?

Respõdei vós, mães que amamentais os vossos filhos. Dizei vós, pais que os beijais e reconheceis neles pedaços da vossa vida.

«Belém» nasceu por via desse mal. Furtar da lama meninas, para que amanhã não vão para as ruas do pecado.

Ernesto Pinto

TRIBUNA COIMBRA

*** Festa da Ascensão do Senhor. O Mistério da Ascensão é o chamamento à vocação de cada um de nós. O homem foi criado para o alto. Para onde o Senhor foi, também nós havemos de ir. Temos que ir subindo lentamente, desprendendo-nos do terreno pouco a pouco. A vida do homem tem que ser uma ascensão contínua.

Esta ascensão e este desprender das coisas deste mundo é obra dos filhos de Deus; é trabalho de beróis.

*** A semana passada a melhor gente de Coimbra reuniu-se no Ginásio do Liceu para homenagear um Homem grande. Estamos tão afeitos a manifestações por qualquer motivo e a qualquer pessoa, que já nem vibramos naquelas que são de inteira justiça a pessoas que o merecem. Naquele Homem tudo está de harmonia: no banco de estudante, como na cátedra de Professor; no Parlamento, como nos Tribunais internacionais; a ajudar à Missa de missal na mão, como à mesa da comunhão; na rua, como na sua vida familiar. Graças a Deus que ainda temos Homens destes no nosso tempo.

A vida dos médiocres não tem nada desta grandeza; é o deixar correr do dia a dia; é o caminho fácil; é o lema da vida moderna.

*** Naquele dia, entre muitas cartas, vinha uma de muitas folhas. Era uma pobre mãe, de 28 anos, 7 filhos nos braços e sem marido, (pois ele trocou o lar por outro que não é o seu) a gritar de aflição. Se o sangue lhe pudesse servir de tinta e pudesse coalhar, aquela carta viria tingida de sangue, tal era a dor desta grande mãe. Queixa-se da fome que seus filhinhos passam e da sua impotência para os criar; queixa-se da maldade do marido e sua indiferença de pai; queixa-se da sociedade que não tem leis, nem remédios para estes casos. Pede para recebermos em nossa casa alguns dos seus filhos. Depois de me informar, respondi que podíamos receber dois. Mal recebeu a carta, parte logo no primeiro comboio. Era a hora da merenda, quando chegou. À volta do tabuleiro da horoa saída naquela hora do forno, e da travessa com pedaços de queijo, era um mundo de gente e de alegria. Ela, com os seus filhinhos cada um em seu colo, sorria por ver tanta felicidade: *ai que são todos tão lindos!*

Entregou-nos os dois amores e partiu alegre por os deixar bem e triste porque tem um coração de mãe. Naquela hora não sei o que se passou em mim. Apeteceu-me ajoelhar e pedir perdão a Deus pelos nossos pecados e fiquei-me a olhar para aquela mulher grande.

Estamos tão habituados ao egoísmo de tantas mães, (e às vezes afirmando-se muito altas) que naquela hora eu quisera ter beijado muito respeitosamente as mãos daquela pobre que eu proclamo rica.

*** Mais. Já há tempos que os não via e naquela tarde apareceram-me os dois. O de 16 anos está com o pai; e o de 13 com a mãe. O pai teve de ir para a cadeia e a mãe ficou com os dois filhos. Doente, limpa e briosa, cativava o coração de toda a gente. Quando não pôde ter os filhos, veio trazê-los a nossa casa. Agora o marido saiu da cadeia e veio encontrar o seu lar traído por infidelidade dela. Mais uma família desfeita: marido e filhos ao abandono.

Padre Horácio



Celebrei

e estou a dar graças pelas muitas que devo ao Senhor. De súbito entraram pela porta dentro passos ofegantes. Recado apressado cai-me nos ouvidos. E com igual pressa, quem no deu vai sair, sem esboçar advertência alguma pelo local onde entrou. Chamo pelo rapaz.

— Olha lá, tu reparas que te encontras na capela?

— Ai, é verdade! — E o Passos cai de joelhos.

Este ano foi de grandes e variadas plantações, por aqui. Ele sebes, ele jardim, ele pomar, ele o mundo vegetal. Com a chuva fecundante, tudo correu muito bem e animador. Dava gosto abrir covas, lançar estrume, depositar plantas e esperar confiança. Entretanto, o sol apertou crestando o viço da tenra vegetação. Foi precisa água. Os rapazes não tiveram mãos a medir com as regas. E com o ritmo adquirido as plantações prolongaram-se. Algumas foram demasiado tardias. Era o desejo de tornar mais verde e airosa esta mansão, que nos levava a prosseguir. Porém, não foi possível tudo vingar. Sofremos por isso decepções aqui e além. Mas concordamos que nem tudo foi no

momento exacto. Se bem a tempo não teríamos este desgosto.

Ora, na vida destes rapazes da rua observa-se frequentemente algo de semelhante.

A fé que tanto rogamos a Deus, custa a arreigar em quantos nasceram pelas ruas e nelas iniciaram o viver. O esforço, que fazemos de colaboração com o Senhor, raro tem resultado imediato e eficiente. Por vezes, parece compensado, mas não. Há a segura. A terra não está receptiva, por carência de elementos propícios à fecundação ou pela abundância de ervas más.

A dificuldade na aquisição da

fé, por parte destes rapazes, é mesmo a nossa maior cruz. Confiamos na germinação lenta das verdades que de mando do Senhor lhes vamos depondo no peito. O Senhor no-los dá para isso. Somos pais adoptivos e duplamente até. E por isso custamos muito a frutificação morosa da sementeira. Há longo tempo que temos a convicção de que neste particular quanto não seja bebido com o leite das mães, dificilmente e só penosamente se adquire. Quão sagrado é pois, o colo das mães! Quão importante a época infantil! Não é em vão que andamos nos braços das nossas mães nos primeiros anos de vida! Não é inútilmente que ali ouvimos soar com meiguice e ternura a palavra Deus!

É semente que germina, que por ventura morre, mas que frutifica com facilidades incomparáveis.

Ora nós sofremos a dificuldade duma plantação tardia, mais penosa e sujeita a diversidade de intempéries.

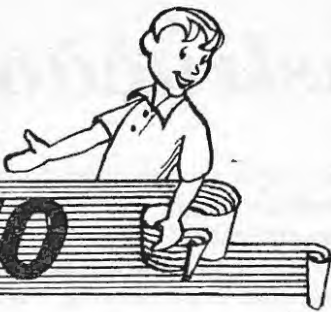
No entanto confiamos, que a Esperança é alta virtude cristã.

Padre Baptista

TOJAL

CONFERENCIA — Ao fim deste grande interregno pode pensar-se que temos muito para dizer. Nada disso!

vossos irmãos necessitados. Claro está que não serão acompanhados como até aqui, pessoalmente, mas espiritualmente, não os abandonaremos e no que fizermos de material,



PELAS CASAS DO GAIATO

Lastimamos muito a falta de assunto. É sempre dela que escrevo com mais desenvolvimento. Enfim...

Vivemos um prazo de autêntica inércia. Membros que saíram, outros que surgiram sem grande ardor e sentido de responsabilidade.

Actualmente somos cinco confrades a atender 13 pobres.

Evidentemente, a deficiência de agentes cooperadores, esforçados e generosos danifica e dificulta a acção dos restantes.

Todo este tempo prestou-se a um movimento de mercadorias, talvez. Enfim, não nos adiantemos, pois vejo ânimo e espero poder ver-nos reunidos novamente, em unidade fraterna da mais pura caridade.

Para a outra vez já direi alguma coisa se Deus quiser.

x x x

Agora nas horas livres todos se podem ocupar divertindo-se bem. Os mais pequeninos nos baloiços e balancés; os médios são os animadores do hequei em campo, e que dignos desportistas da modalidade!; os maiores abandonaram o futebol e entregaram-se com pertinácia ao Voleibol.

Para uns e outros é a maior novidade dos últimos dias. Ali, esquecem tudo: o trabalho e a sua dureza; as contrariedades e as boas ou más intenções.

Assim é que é. Que não venham cá nenhuns técnicos do desporto variado colher praticantes quando não têm que pagar bem caro as respectivas cartas.

x x x

A juventude do tempo a todos e a tudo dá conforto, alegria e faz sorrisos: Sorriem os verdes campos esparçados na riqueza que sustêm e oriam; sorriem árvores com suas esbeltas e perfumadas flores; sorriem as avezinhas revoando com os seus cantares sobre a beleza farta; sorri o homem também. O cantar da aves e a pintura diversa dos campos; as árvores e seus perfumes.

É isto neste tempo o nosso Tojal. Contemplamos a beleza indizível; respiramos os odores misturados no ar de todos os dias. Estamos já embriagados.

Venham e saboreiem para connosco dardes graças ao Autor de toda a formosura.

Zé do Porto

LAR DO PORTO

Há já algum tempo, que não damos notícias da campanha «tenha o seu pobre» e visto não darmos desta, igualmente não temos citado notícias da nossa Conferência que por tal motivo está um pouco esquecida. Pois não é bem certo o ditado do povo, «Quem não pede Deus não o ouve»? Pois se não pedimos também Deus não nos ouve, para que não sejamos preguiçosos.

Mas, julgo que não me fica mal pedir-vos desculpa, bons amigos e leitores, pois além dos nossos trabalhos quotidianos que até então tínhamos e como agora quase todos os confrades estamos a cumprir o serviço militar, o tempo é-nos bastante mais curto, pois até esta pequena crónica foi escrita aos poucos; ora juntamente com a algazarra, por vezes imunda da caserna, ora no silêncio da noite, na mesma.

Com o termos entrado 3 vicentinos para a tropa, não contando um ou outro que irá brevemente, não quer dizer que abandonemos os nossos e

estou certo de que Deus não esquecerá. Portanto irmãos confrades não desanimemos e incitemos todos os nossos irmãos habitantes deste Lar a visitar também os pobres, para que todos gozemos e saboreemos o Amor de Cristo incarnado nos nossos irmãos necessitados.

Mas voltando ao assunto que acima citei, passo a descrever uma família pertencente ao componente casal R. D.

Ora esta família de que vos falo, é tão necessitada, que já o Pai Américo indicava para que todos os rapazes deste Lar a fossem visitar.

Realmente, dá gosto, caros leitores, entrar naquela humilde e pequenina mas limpinha casa, que mais parece um palácio em miniatura.

Ora esta família é constituída por quatro pessoas; o casal e dois filhos; um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

É uma família que se pudéssemos lhe daríamos uma casa, mas com todo o gosto. Estão fartos de nos pedirem; mas as posses da Conferência são poucas. Se os bons amigos quisessem com a ajuda de Deus poderíamos satisfazer a necessidade de habitação desta família.

Além da nossa boa vontade é uma necessidade, pois os filhos já estão crescidos e torna-se dificultoso o alojamento desta família.

Portanto, quem quiser também pode ajudar a erguer uma humilde casa para «o pobre da Lapa».

Quem toma a iniciativa?

Quando a Conferência tomou conta desta necessitada família, por mando de Pai Américo foi-lhe dado um pequeno donativo já algo avultado, porque o casal de filhos agora já crescidos eram e ainda são uma fonte de doença.

Os pais, outra fonte de doenças, nada podem angariar para o sustento da família.

Portanto é o filho com 17 anos e a filha com 19 que aguentam com as suas pequenas forças a casa e as doenças.

Quanto a educação desta família é simplesmente primorosa.

Não somos nós quem os educamos, mas sim eles, que nos educam a nós.

Por isso Pai Américo queria que todos nós visitássemos esta família, porque ali vemos como devemos conservar e arranjar os nossos futuros lares, mesmo com os haveres por velhos que sejam.

Esta é uma das famílias que deve ser ajudada, para não cair no desespero. E se não fossem os auxílios dos nossos amigos, poderia esta família ter desanimado como muitas e muitas outras.

Agora bons amigos passo a dar conhecimento dos donativos que até então têm entrado e claro está também têm saído.

Ora eles aqui estão:

Em primeiro lugar aparece o Senhor F. Vasconcelos com duas vezes 100 referente aos meses Abril e Maio.

Uma Dulce com duas vezes 20\$. Do Porto 150\$, mais 51\$, mais 20\$, mais 20\$. Ainda da mesma cidade uma anónima, por uma promessa 50\$.

Para a campanha tenha o seu pobre, além do Senhor F. Vasconcelos apareceu a anónima «7 de Maio» com duas vezes 20\$.

Dos nossos subscritores 655\$.

Por uma graça 200\$.

Subscritores da Hidro-Eléctrica do Douro 185\$00.

E pronto, queridos leitores, por hoje está tudo dito, mas para a próxima já há mais que dizer. E não esqueçam a casa do «Pobre da Lapa». Seja Louvado o Pai dos Pobres.

Fernando Dias

PAÇO DE SOUSA

—Eia que curvas tão fechadas...
— E vai na brasa!
— Não vês que anda a tirar a carta,

B E L E M

Ora aqui têm os leitores uma história de animais, mas não do tempo em que eles falavam, pois que é toda verdade. Eu dedico a história aos «batatinhas». Mas creio que ela será para os adultos tema de profunda meditação. Atenção, pois, «batatinhas»!

Saibam que uma galinha aqui da quinta tirou a sua ninhada de pintos. Mas, poucos dias depois um deles adoeceu, coitado! Deve ter sido bicho danado que ele engoliu.

Então a senhora Maria, dona da ninhada, pegou no mísero e tratou de lhe deitar azeite pelo bico abaixo. Mas o pior foi que o dito escorreu pelas penas e deixou o pobrezinho tão desfigurado que metia dó. Nunca pinto molhado ficaria em tal estado.

Então a galinha mãe, toleirona a valer, resolveu entender que uma tal criatura não lhe pertencia. E picou-o, escorregou-o, de modo que o triste não teve mais que fugir com uns pios tais que pareciam ais. E lá andava pelos cantos, triste, sózinho, muito magrinho.

Ora D. Perna Branca, observando o facto, teve dó e resolveu adoptar o engeitado. Agora é vê-la, muito solícita, em procura do sustento para o seu menino. Com tais cuidados, o pequenino sarou, cresceu, engordou.

Quando a ninhada dos irmãos zitos, junto da mãe, come a faltar, D. Perna Branca avança faz, peito, bate o pé, digo a pata, sacode a asa e assim defende o pobrezinho da ferroada daquela desnaturada.

Inês — Belém — Viseu

continuação da primeira página

Estas noites na Tipografia tem-se seroadado até as 24 horas. São os trabalhos dos clientes; é o Famoso e a Voz dos Novos; e agora mais esta revista e não sei quantos milhares de prospectos prá Campanha de Assinaturas. Júlio e Daniel não descansam enquanto não passarmos dos 50.000 assinantes. Daí, esta avalanche de papeis.

Ora eu também prefiro aos «quilos» em que fala o Teles, trazer os quilos de papel que levamos cheíinhos de nomes e moradas. São outros tantos apaixonados, que irão crescendo na paixão jornal após jornal, para seu bem e dos nossos rapazes e Pobres e Doentes.

Se não trouxermos «quilos», deixaremos sementeira que irá rendendo aos «gramas», mas hoje e amanhã e sempre — e é este amor continuado que nos diz da permanência da Vida nas almas; é este amor que nos interessa.

Pode, pois, o Teles tratar do programa no Luabo. Em todos os grandes centros populacionais de Angola e Moçambique haja quem trate de programa semelhante.

Cidade em ruínas? Cidade Românica onde os arqueólogos estudam as civilizações de antanho? Algum redil? Não. É uma casa da civilização actual. De gente que vive à nossa porta.

